

# SÓCRATES: A VIDA E A MORTE PELA FILOSOFIA

Vitor de Medeiros MARÇAL<sup>1</sup>

**RESUMO:** Sócrates foi um dos maiores filósofos já existentes. Presenteou-nos com sua sabedoria em varias áreas e ciências, além disso, fez com que a filosofia e o modo de vida fossem enxergados de uma maneira nunca vista antes, introduziu-nos a Ironia e Maiêutica como busca do conhecimento. Sócrates não só fez filosofia, ele viveu sua filosofia, do inicio ao fim da vida não abandonou seus princípios e valores.

**Palavras-chave:** Filosofia. Filosofia Socrática. Ironia e Maiêutica. Vida de Sócrates. Julgamento de Sócrates.

## 1 INTRODUÇÃO

Mais do que um excepcional filósofo, Sócrates foi um excepcional homem, marido, guerreiro e cidadão. Fazia de suas atitudes sua própria filosofia. Ora, nunca ter nada escrito, não participar da política, ser um guerreiro corajoso e destemido, ser um filosofo que buscava entender acima de tudo a virtude do homem, só queria dizer uma coisa: Era uma filosofia de carne e osso. Afirmamos isso, sem medo de errar, pois, prova maior não há, do que uma pessoa que vendo a morte de perto, se mantém tranqüilo e calmo, pois, sabia que seu dever havia sido cumprido com eficácia. Aliás, dever esse que não trazia nenhum tipo de beneficio ao próprio Sócrates e sim a seus discípulos.

Nascido em Atenas, tinha a plena convicção de que tinha um mandamento divino, o mandamento de ajudar, ou nas palavras do próprio filosofo “fazer parir idéias”. Presume-se que estudou Geometria ou astronomia e se não foi discípulo de Anaxágoras, estudou a fundo as idéias de tal filósofo.

Foi mestre de vários filósofos importantíssimos como: Platão e Críton.

---

<sup>1</sup> Discente do 7º termo do curso de Direito das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente e Discente do 1º termo do curso de Filosofia da “Faculdade do Oeste Paulista” de Presidente Prudente. e-mail Vitor.Medeiros19@hotmail.com

A importância do estudo de Sócrates se mostra gritante. Uma pesquisa nunca começará sem as ferramentas usadas por Sócrates, chamadas Maiêutica e ironia.

Nossas escolhas poderão se mostrar equivocadas sem o conhecimento explicitado por Sócrates sobre o prazer e a virtude.

E todos devem saber seguir sua filosofia, seu modo de vida, até nos momentos mais adversos.

Sócrates se mostrou não só um filósofo ou um professor, e sim, um exemplo a ser seguido por todos nós.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Sócrates foi um filósofo tão esplendido que causou um marco divisório na filosofia. Hodiernamente, a filosofia é dividida em período pré-socrático, socrático e pós-socrático.

Sócrates, nasceu na Grécia, de forma mais precisa em Atenas, por volta de 469 a.C. Era filho de Sofronisco, que era escultor e de Fenarete, que era parteira. Sobre a profissão de sua mãe, Sócrates faz referência a ela, dizendo que continuará o trabalho de sua genitora, mas não em corpos, e sim, partejará espíritos.

A grande questão envolvendo Sócrates é que mesmo sem nunca ter escrito nenhuma doutrina, livros ou artigos, é ainda hoje um dos maiores filósofos de todos os tempos. O que se sabe de Sócrates é o que foi contado por seus discípulos e seus adversários, mas, porque tal filósofo nunca escreveu nada? A resposta pode ser encontrada nas palavras do rei egípcio Thamus, dirigida a Theut, inventor da escrita:

Tu ofereces aos alunos a aparência, não a verdade da sabedoria; porque quando eles, graças a ti, tiverem lido tantas coisas sem nenhum ensinamento, julgar-se-ão na posse de muitos conhecimentos, apesar de permanecerem fundamentalmente ignorantes, e serão insuportáveis para os demais, porque terão não a sabedoria, mas a presunção da sabedoria.(ABBAGNANO, 2006, p 74)

Visto isso, podemos afirmar que Sócrates observava a filosofia como o exame incessante de si próprio e dos outros, como veremos a seguir. Por isso, tal filósofo nada escreveu, ora, uma doutrina pode comunicar um pensamento ou uma posição, mas, nunca estimular a pesquisa.

Desta forma, fazia parte da filosofia Socrática nada escrever, como dito acima, seus escritos causariam uma presunção de sabedoria, o que seria péssimo para todos os leitores, pois, acreditariam veementemente que teriam contraído o conhecimento. Contudo, existiria em si, somente uma presunção de conhecimento, seria uma ignorância da total ignorância.

É sobre a ignorância que Sócrates se debruça praticamente por toda sua vida. Na visão Socrática, a ignorância era uma característica extremamente relevante, pois, influenciaria quem a admitisse a adquirir a prática da pesquisa. Com essa mentalidade Sócrates foi apontado pelo oráculo como a pessoa mais sabia de todas.

Um de seus amigos de infância, passando por Delfos, pergunta ao oráculo se existe no mundo homem mais sábio que Sócrates. A Pitia diz que nenhum. Sócrates se admira da afirmação. Bem sabe que não tem sabedoria alguma. Sua única superioridade é saber que lhe falta sabedoria, enquanto os outros homens cuidam possuí-la.(CHALLAYE, 1978, p 31)

Ainda sobre tal temática, o próprio Sócrates diz (COTRIM, 2000, p 93):  
“Ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um pouco mais sábio que ele exatamente por não supor que saiba o que não sei”.

Como podemos perceber, quem aceitava sua ignorância era verdadeiramente uma pessoa sabia.

Visto isso, convém salientar que Sócrates sempre buscou saber o que é a essência do homem e sua ciência moral. Sobre isso, dizia que:

O homem é a sua alma, entendendo-se “alma”, aqui, como a sede da razão, o nosso eu consciente, que inclui a consciência intelectual e a consciência moral, e que, portanto, distingue o ser humano de todos os outros seres da natureza. Por isso, autoconhecimento era um dos pontos fundamentais da filosofia socrática. “Conhece-te a ti mesmo” frase escrita no oráculo de Delfos, era a recomendação básica feita por Sócrates a seus discípulos.(COTRIM, 2000, P 94)

Sobre o conhece-te a ti mesmo, nos doutrina Felicien Challeye:

O conhece-te a ti mesmo não convida a uma estéril contemplação dos próprios estados de consciência. Conhecer-se, no sentido socrático, é

“penetrar na própria alma, para além do particular e transitório, a fim de descobrir o fundo idêntico e permanente” é “tomar consciência daquilo que há de genérico em nós”(1978, p 35)

Dito isso, Sócrates expunha o que hoje é conhecido como dialética socrática, tal dialética era trabalhada mediante diálogos críticos.

Tal processo dialético se divide em duas vigas de sustentação, 1) A ironia; 2) A Maiêutica.

Atualmente, a ironia quer dizer (Mini-Houassis, 2008, 436) “zombaria, escárnio, sarcasmo”. Contudo, na visão filosófica e socrática, o termo Ironia tem uma conotação diferenciada. Ironia em grego quer dizer “Interrogação”. O significado é muito claro, Sócrates indagava e interrogava quem quer que fosse. Sobre temas que seus interlocutores julgavam saber, tais como: O que é a justiça? O que é a piedade? O que é o bem? Entre outras questões.

Claro, para mostrar a todos sua ignorância, nada melhor que perguntar o que diziam saber.

Sobre a Ironia:

Por essa razão seu método começa pela fase considerada “destrutiva”, a ironia, termo que em grego significa perguntar, Diante do oponente que se diz conhecedor de determinado assunto, Sócrates afirma inicialmente nada saber. Com hábeis perguntas, desmonta as certezas até o outro reconhecer a própria ignorância. (ARANHA, MARTINS, 2003, p 121)

Diante disto, Sócrates, com um poder de raciocínio muito veloz, liquidava, em seus discípulos, sua arrogância, prepotência, orgulho e o mais importante, acabava com sua presunção de sabedoria. Fazendo-os, adquirir a consciência de sua ignorância pessoal, filiando-os ao pensamento socrático, “sei que nada sei”

Como visto, a ironia tem um caráter de limpeza, ou como Gilberto Cotrim costuma dizer, tem um caráter “purificador” - Ou seja, levariam os discípulos a confessarem suas limitações e contradições. Vejam, anteriormente, só existia a sabedoria e a verdade absoluta, após isso, as contradições e falta de respostas começam a aparecer e com isso a cientificidade da ignorância pessoal. Em suma, o homem era deixado à dúvida e a inquietação, para que com isso fosse obrigado a pesquisar.

Após adquirir tal estado começava a segunda fase da dialética socrática, a Maiêutica.

Sócrates não fazia intelectualmente diferença entre mulheres e homens, negros e brancos, ricos e miseráveis, para ele, todos tinham a potencialidade de ter idéias e procurar a sabedoria.

O processo maiêutico pode ser definido como: A arte de dar à luz as idéias de seus discípulos. Ou seja, ajudava quem quer que fosse a ter idéias. Contudo, se dizia estéril, dizia que era impossível ele as ter.

Declarava-se estéril quando a sabedoria. Aceita como verdadeira a censura que muitos lhe dirigem de saber interrogar os outros, mas nada saber responder ele próprio. A divindade que o obriga a fazer de parteiro proíbe-o de dar a luz: ele não tem qualquer descoberta a ensinar aos outros e outra coisa não pode fazer senão ajudá-los no seu parto intelectual.(ABBAGNANO, 2006, p 76)

Visto isso, podemos entender a Maiêutica como a forma que Sócrates descobriu de fazer os interlocutores descobrirem por si mesmos as verdades que eles, até então, ignoravam.

Vale ressaltar, Primeiro a Ironia surge e provoca em cada um a consciência de Ignorância pessoal, após isso, a Maiêutica aparece e lhes mostra o caminho das idéias e da pesquisa. Contudo, fica claro que mesmo com a Maiêutica, os homens nunca podem achar que chegaram ao conhecimento máximo, pois, a Ironia retorna e mostra-os que nada sabem.

Sobre a arte da pesquisa maiêutica, nos ensina:

Esta arte maiêutica mais não é, na realidade, que a arte de pesquisa em comum. O homem não pode ver claro por si só. A investigação de que se ocupa não pode começar e acabar no recinto fechado da sua individualidade: pelo contrario, só pode ser o fruto de um dialogar continuo com os outros.(ABBAGNANO, 2006, p 77)

Visto isso, se mostra claro que Sócrates não apoiava o individualismo e sim o Universalismo. Na visão de Sócrates, o valor do individuo só pode ser alcançado nas relações entre os próprios indivíduos. Contudo, para essa relação se mostrar eficaz e mesmo se relacionando e sendo solidário com vários indivíduos conseguir realizar a pesquisa de si próprio, tem que ser uma relação fundada em dois pilares: Justiça e Virtude.

A busca de si é concomitantemente a busca de saber viver e do verdadeiro saber. Ou seja, o homem tem que saber viver para fazer as escolhas certas, e conseqüentemente não se afastar das virtudes e não ser vencido pelo prazer.

Para Sócrates, o prazer do momento pode influenciar os homens a saírem do caminho da virtude e se arrepender por suas escolhas. Neste sentido:

Se o homem se entrega a esses impulsos, isso significa que ele sabe o crê saber que é a coisa mais útil ou mais conveniente para ele. Um erro de juízo, a ignorância, portanto, é a base de toda culpa e de todo vício. Uma má avaliação é que faz o homem preferir o prazer do momento, não obstante as conseqüências más ou dolorosas que daí possam advir; e um cálculo errado é fruto da ignorância. Quem sabe verdadeiramente, faz bem os seus cálculos, escolhe em cada caso o melhor prazer, aquele que não pode ocasionar-lhe nem dor nem mal, e esse é o prazer da virtude. (ABBAGNANO, 2006, p 78)

Portanto, Sócrates não quer dizer que para sermos virtuosos temos que abrir mão do prazer, ora, a virtude não é a negação da vida humana, mas, uma vida perfeita, e para termos a perfeição da vida, temos que ter o prazer máximo.

Em tese, a diferença entre o homem virtuoso e o homem não virtuoso se concentra na simples questão de que um sabe fazer as escolhas sem arrepender-se ulteriormente e o outro não, simplesmente se entrega aos prazeres do momento sem analisar as conseqüências malélicas que poderão advir.

Visto isso, passamos a analisar alguns pontos particulares de Sócrates. Falamos em virtude, sabedoria, ignorância e prazer. Passamos agora a analisar a religião de Sócrates, aspecto de suma importância para entendermos sua vida e dedicação filosófica.

Sócrates só aceita a religiosidade porque diz tem uma missão divina. Porém, essa religião que Sócrates fala não é a religião popular dos gregos. Orienta seus seguidores a irem aos cultos religiosos em suas cidades, pois, considera como dever indispensável do cidadão. Diz ele ter recebido essa missão de uma divindade e que existe um demônio que o orienta nos momentos mais difíceis de sua vida. Na verdade, essa voz que Sócrates tanto diz ouvir e ser orientado, nada mais é do que uma pessoa que se acha empossado com um dever tão sublime que não consegue explicar de forma racional. Neste sentido:

É corrente interpretar-se esse demônio como a voz da consciência; na realidade, trata-se do sentimento de uma investidura recebida do alto, própria de quem abraçou uma missão com todas as forças. Por isso, o sentimento da divindade esta sempre presente na investigação socrática, como sentimento do transcendente, daquilo que está para além do homem e é superior a este, e do alto o guia e lhe oferece uma garantia providencial. (ABBAGNANO, 2006, p 79)

Mesmo com sua dedicação de explicar o justo, a virtude, a sabedoria e o prazer, Sócrates foi obrigado a enfrentar um grave processo que tinha como acusações: Introduzir divindades novas, corromper os moços e não crer nos Deuses da cidade.

Chega-se o momento mais dramático, porém, mais brilhante da vida de Sócrates, seu julgamento e sua morte. Nas palavras de Fécilien Challaye, “chega o momento de Sócrates ser curado do mal de viver” (1978, p 31).

Tal processo não teria nenhum resultado relevante se Sócrates tivesse sido flexível e, tivesse cedido em algumas exigências de seus acusadores. Todavia, se tivesse feito isso, ele não estaria somente se contradizendo e sim, estaria jogando no vazio uma vida Filosófica, pois, se assim fosse, estaria desmentindo tudo que foi dito a seus discípulos, sobre, moral, virtude, respeito às leis de suas cidades e respeito à filosofia de vida. “Diante de seus juízes, Sócrates assumiu uma postura viril, altaneira, imperturbável, de quem nada teme. Permanecia absolutamente em paz com sua própria consciência” (COTRIM, 2000, p 96).

Sobre a acusação e o julgamento nos ensina Nicola Abbagnano:

A acusação tinha escassa consistência e teria resultado em nada, se Sócrates tivesse feito qualquer concessão aos juízes, mas isso não aconteceu. Pelo contrário, a sua defesa foi uma exaltação da tarefa educativa que havia empreendido relativamente aos atenienses. Declarou que em caso nenhum abandonaria essa tarefa, à qual era chamado por uma ordem divina. Por uma pequena maioria, Sócrates foi reconhecido culpado. Podia ainda partir para o exílio ou propor uma pena que fosse adequada ao veredicto. Em vez disso, ainda que manifestando-se disposto a pagar uma multa de três mil dracmas, declarou orgulhosamente que se sentia merecedor de ser alimentado a expensas públicas no pritaneu, como fazia os beneméritos da cidade. Seguiu-se então, com mais forte maioria, a condenação à morte que fora pedida pelos seus acusadores. (2006, p 81)

Após isso, se alguém perguntasse a Sócrates se não se encontrava envergonhado por ter dedicado sua vida a condutas que hoje o condenam a morte, Sócrates responderia:

Estás enganado, se pensas que um homem de bem deve ficar pensando, ao praticar seus atos, sobre as possibilidades de vida ou de morte. O homem de valor moral deve considerar apenas, em seus atos, se eles são justos ou injustos, corajosos ou covardes. (PLATÃO APUD COTRIM, 2000, p 96)

Entre a condenação e a execução foi transcorrido um lapso temporal de trinta dias, tempo suficiente para Sócrates escapar da prisão e de sua já certa

morte. Contudo, mais uma vez nos mostrou que vivia em função de sua filosofia, e que quando tivesse que se contradizer para viver, preferia a morte.

Entre a condenação e a execução decorreram trinta dias porque uma solenidade sagrada impedia naquele período às execuções capitais. Durante este período, os amigos organizaram a sua fuga e procuraram convencê-lo; mas recusou. Os motivos desta recusa encontram-se expostos no Críton platônico: Sócrates quer dar com a sua morte um testemunho decisivo a favor do seu ensinamento. Vivera até então ensinando a justiça e o respeito pela lei; não podia, pela fuga, ser injusto para com as leis da sua cidade e desmentir assim, no momento decisivo, toda a sua obra de mestre. (ABBAGNANO, 2000, p 81)

Passaremos agora a transcrever pequenos trechos dos momentos que antecederam a morte de Sócrates, até o momento que cumpriu sua pena. A pena imposta a Sócrates foi o suicídio por envenenamento, tinha que beber cicuta.

O servo vem avisar Sócrates que é chegada à hora de cumprir sua pena:

“Sócrates, diz-lhe, espero que não terei de queixar-me de ti como dos outros condenados; quando venho avisá-los, de ordem dos magistrados, de que é preciso beber o veneno, eles se enfurecem comigo e me maldizem; mas tu, desde que aqui estás, sempre te achei o mais corajoso, o mais doce, o melhor dos que ocuparam esta prisão e, ainda agora, acho que não estás desgostoso comigo; estás, sem dúvida, desgostoso apenas com os que te causaram a infelicidade e bem conheces. Agora, tu sabes o que te venho comunicar: adeus! Trata de suportar com resignação o inevitável.” Ao mesmo tempo volta-se, desfeito em lágrimas e se retira. Sócrates, olhando-o, lhe diz “E tu também recebe meu adeus! Farei o que dizes” Depois, voltando-se para nós: “Vêde que cortesia neste homem!. Todo o tempo que aqui passei, veio ver-me frequentemente e praticou comigo; é o melhor dos homens; e agora como me lastima sinceramente! Vamos, Críton, obedeçamos-lhe de boa vontade e que me tragam o veneno, se já estiver macerado; se não, que ele próprio o macere.” (CHALLAYE, 1978, p 32)

Após isso, Críton, que era um dos mais leais discípulos de Sócrates tenta retardar sua morte, contudo, Sócrates, com um grito, chama o escravo portador de sua morte, ou seja, o escravo que traria seu veneno.

Assim que Sócrates viu entrar o homem: “Muito bem, meu amigo; que devo fazer? Tu é que me deves dizer. - Nada mais, lhe responde o homem, que passeares depois de beber, até que sintas peso nas pernas; nesse momento deitar-te-ás no leito e o veneno agirá por si” Então, estendeu-lhe a taça. Sócrates a tomou com a mais acabada serenidade, sem emoção alguma, sem mudar de cor nem rosto; mas, olhando o homem firme e seguro como de costume: “Diz-me, é permitido espargir um pouco de beberagem, para fazer uma libação? - Sócrates, responde o homem, nós não maceramos senão o quanto é necessário beber. - Entendo, diz Sócrates; mas ao menos é permitido o justo rogar aos deuses a fim de que abençoem nossa viagem e a torne feliz; é o que lhes peço. Possam eles



atender meus votos!” Dito isso, levou a taça aos lábios e a bebeu com tranqüilidade e serenidade maravilhosas.( CHALLAYE, 1978, p 32)

Após isso, paulatinamente o veneno vai fazendo efeito. Sócrates deitado pede a Críton que lhe ofereça um galo a Esculápio, como era comumente usado para mostrar-se o reconhecimento ao Deus da Medicina. Após isso, Sócrates morre.

Importante ressaltar as palavras de Fédon “tal foi o fim de nosso amigo, do melhor, poderíamos dizer, dos homens que havíamos conhecido, o mais sábio e o mais justo de todos os homens” (CHALLAYE, 1978, p 33)

Dito isso, fica claro que Sócrates cumpriu sua pena, matou-se, porém, cumpriu sua missão ou como ele mesmo dizia “sua ordem divina”. Ficou conhecido não por sua morte, mas por ter seguido sua filosofia até seus últimos minutos de vida, foi fiel ao que pregou por toda sua vida.

### **3 CONCLUSÃO**

Sócrates marcou época não por ter sido um filósofo, mas, por ter feito de sua filosofia uma forma de vida. Foi condenado à morte por ser fiel a sua filosofia e seu pensamento. Através da Maiêutica, conseguia sugar idéias de quem quer que fosse. Fazia com que todas as pessoas pensassem, refletissem, analisassem e sem sombra de dúvida mostrava-se perigoso para a real democracia grega. Viveu fazendo o bem para os outros, até porque, era o que sabia fazer, não tinha profissão, sua profissão era a ordem divina de fazer parir idéias, sem, contudo, tê-las. Sócrates foi morto, com um só objetivo, fazer valer sua filosofia e modo de vida.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. 7.ed. Lisboa: editorial presença, 2006.195 p. Depósito legal n. 240 450/06

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução a filosofia. 3. ed., rev. São Paulo: Moderna, 2003. 439 p. ISBN 85-16-03746-0

CHALLAYE, Felicien. **Pequena história das grandes filosofias.** 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. 292 p. (Atualidades pedagógicas ; 86)

CORNFORD, Francis Macdonald; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Antes e depois de Sócrates.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 99 p. ISBN 85-336-1449-7

COTRIM, Gilberto Vieira. **Fundamentos da filosofia:** história e grandes temas . 15. ed., ref. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2001-2003. 336 p. ISBN 85-02-03173-2

FACULDADES INTEGRADAS “ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”. **Normalização de apresentação de monografias e trabalhos de conclusão de curso.** 2007 – Presidente Prudente, 2007, 110p.

LABRIOLA, Antonio. **Sócrates.** Rio de Janeiro: Edições e Publicações Brasil, 1939. 148 p. (Obras filosóficas ; 1)